

Área: 2181cm² / 52%

Tiragem: 24.000

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6779113

# "Portugal nunca foi um país de brandos costumes"

**Maria Filomena Mónica.** A socióloga acaba de publicar um livro que conta as visitas de muitos estrangeiros ilustres a Portugal. A longa lista de visitantes começa em 1755 e termina já no século XXI, e há análises e visões para todos os gostos: os que gostaram e os que odiaram.

**JOÃO CÉU E SILVA**

A visão dos estrangeiros sobre Portugal ao longo dos últimos 250 anos foi o objetivo da investigação que Maria Filomena Mónica realizou. Em mais de 300 páginas, a autora identifica quais são os pontos fortes e fracos de um país tão exótico como outros destinos orientais, mesmo que a pobreza e o atraso dos portugueses esteja demasiado presente nesta visão de quem vem de países mais desenvolvidos e educados.

Termina a dizer: "O que me levou a escrever este livro não foi a procura de uma qualquer 'essência' de Portugal – coisa que não existe." O que existe então?

Por detrás de cada nação – e Portugal não é uma exceção – está a sua história e a sua geografia. A "essência" de Portugal é um conceito imaginado por intelectuais com complexos de inferioridade.

**O olhar dos visitantes sobre Portugal vai mudando ao longo dos séculos ou a opinião que têm mantém um padrão semelhante?**

O olhar dos que nos visitaram muda não só devido às circunstâncias com que se depararam mas devido às ideias que traziam na cabeça e que se vão alterando com a passagem dos anos.

**A escolha dos visitantes obedeceu a um critério de qualidade de observação ou resulta dos mais interessantes de uma lista dos que nos visitaram ao longo de séculos?**

A minha seleção obedeceu a vários critérios, de que o mais importante era eu poder dispor de obras biográficas sobre quem

nos visitara. Isto porque desejava saber o que condicionaria o seu "olhar".

**Há um conjunto de referências comuns entre todos os visitantes ou alguns são mais perspicazes?**

Alguns são mais perspicazes do que outros. No que respeita à primeira metade do século XIX, o mais inteligente é Lord Porchester, a mais doce é Dora Wordsworth Quillinam, filha do famoso poeta do Lake District e, para uma época mais recente, a lúcida Mary McCarthy.

**Considera que Portugal não tinha o fascínio do Oriente mas existia exotismo quanto basta também para atrair os viajantes?**

Alguns dos que nos visitaram no século XVIII, *vide* W. Beckford, esperavam, sim, deparar-se com usos e costumes exóticos.

**William Beckford procurou Portugal para fugir da justiça inglesa. Era um país de brandos costumes ou apenas deslumbrado com estrangeiros que pareciam importantes?**

Portugal nunca foi um país de brandos costumes. Em geral, os estrangeiros que nos visitavam eram objeto de fascínio. Além de, como relata S. Bedford, de espanto.

**Há em muitos relatos uma crítica feroz à Igreja Católica por manter o país nas trevas!**

A crítica aos rituais da Igreja Católica surge nos escritos deixados pelos ingleses, que pertenciam à Church of England, e que divulgaram a tese da "Lenda Negra", ou seja, o estereótipo ligado à Inquisição.

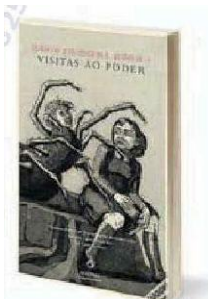
**Concorda com Ralph Fox quando este diz que Portugal foi sempre pequeno e pobre e nunca dominou o mundo que descobriu?**

Concordo. Portugal ainda hoje é pequeno e



## ▲ O OLHAR DO OUTRO

de Maria Filomena Mónica, editado pela Relógio d'Água



## ▲ VISITAS AO PODER

M. F. Mónica, reeditado pela Quetzal (1.ª edição é de 1993)



Área: 2181cm² / 52%

FOTO Tiragem: 24.000

Cores: 4 Cores

ID: 6779113

pobre. Mas quem duvida?

**Faz uma diferença entre o "atraso" português e a "decadência". Acha que ultrapassamos o primeiro e evitamos a segunda?**

O "atraso" português vem desde que Deus criou o mundo. É difícil de ultrapassar, pois o termo separa os países prósperos, como a Inglaterra, a França e a Alemanha, dos que, depois da Revolução Industrial, ficaram para trás. Cada vez que o PIB português melhorava – ou melhora –, o dos países do norte da Europa melhorava mais rapidamente, de forma que o hiato nunca desapareceu. A tese oitocentista da "decadência" – tão visível, por exemplo, em Antero de Quental – é hoje menos referida, embora algumas mentes continue a existir a ideia de que fomos "grandes" no passado e que só as influências maléficas nos destruíram.

**A presença inglesa em Portugal, designadamente no Porto e arredores, mitigava o atraso do país ou era apenas o melhor paralelo para se medir o atraso português?**

Os ingleses do Porto não se misturavam com os locais, como se vê pelo facto de a maioria não falar português e de mandar educar os filhos em Inglaterra. Isto para não falar no simbolismo da sua "feitoria". Por outro lado, é justo dizer que, não fora o dinamismo que imprimiram à exportação do vinho do Porto, o país teria ficado mais pobre. O ódio aos ingleses do Porto provém do profundo complexo de inferioridade dos nortenhos em relação às casas exportadoras.

**A opinião sobre a governação em Portugal tem sempre dois nomes com muitas e positivas referências: Pombal e Salazar. Os visitantes têm razão na sua opinião?**

Sobre a avaliação do Marquês de Pombal e de Salazar há opiniões para todos os gostos, embora a maioria reconheça a marca que deixaram em Portugal.

**Pode dizer-se que a única unanimidade nos relatos dos estrangeiros era a beleza da natureza e das povoações, bem como a simpatia/boçalidade dos portugueses, que encontravam ao visitar o país?**

Muitos visitantes admiraram sobretudo as paisagens que se pareciam com as dos seus países. Daí os elogios que nos deixaram sobre Sintra. Por outro lado, temos relatos que salientam, uns, a simpatia dos portugueses, e outros, a sua boçalidade. Também aqui muito é provocado pelas ideias que já traziam.



#### MADAME RATTAZZI:

"Lisboa poderia ser um das cidades mais florescentes da Europa se dispusesse e gozasse dos seus rendimentos, que são suficientes. Mas não acontece assim: o governo absorve-os, apropria-se deles e não lhe dá anualmente senão uma parcela tão restrita que chega apenas para mandar varrer as ruas principais e pagar aos calceteiros."



#### SIMONE BEAUVOIR

"Durante a guerra, Portugal mostrara simpatia pela Alemanha e dera-lhe certos apoios; uma vez Hitler vencido, reaproximara-se da França e foi por isso que o Instituto Francês se vira autorizado a patrocinar a minha viagem. Eu ensinara, falar não me atemorizava; mas havia uma distância que por vezes me desanimava, entre a experiência que eu evocava e o meu público."

**"Pago os impostos – e não são poucos – e o Estado continua a tratar-me, a mim e aos meus concidadãos, com desprezo."**

**Como interpreta a opinião do cônsul inglês Oswald Crawford, que não compreendia "o motivo que levou a Espanha a ter tantos pintores famosos, ao passo que Portugal não tem nenhum"?**

Claro que a Espanha tinha pintores famosos e Portugal não, o que derivava da dimensão daquele país, da maior cultura das suas elites e da riqueza da classe média.

**Ao ler Miguel de Unamuno, que dizia que "Portugal é um povo de suicidas", e Mircea Eliade, que afirmava que "o povo português é triste", acha que essa é uma apreciação já distante ou os dois autores encontraram um paradigma ainda atual da nossa identidade?**

Tanto Unamuno como Eliade eram dados a arroubos místicos. Dito isto, é claro que, se comparados com os espanhóis, os portugueses tinham – e têm – uma costela melancólica, o que, na minha opinião, só demonstra a sua maior sabedoria.

**Pode dizer-se que os relatos femininos são mais diretos e sem rodeios, como no caso de Madame Rattazzi e Beauvoir?**

Só até certo ponto. O que escreveram poderia ter sido redigido por um homem.

Mas eu não gosto do rótulo de escrita "feminista" aplicada a escritoras.

**Se não fosse uma mulher, o ressabiamento de alguns intelectuais portugueses teria sido menor para com o livro de Madame Rattazzi?**

Sem dúvida. Veja-se o ataque machista de Camilo Castelo Branco, que se resume na ideia de que as mulheres se deviam limitar a parir.

**Na parte sobre Christopher Hitchens ressalta a preferência do americano (nascido em Malta) por Eça de Queiroz e não Fernando Pessoa. Seria por Eça fazer um retrato social do país em vez das melancolias de Pessoa?**

Tendo já morrido, não posso colocar palavras minhas na boca de C. Hitchens, mas compreendo, e partilho, a sua preferência. Em parte, Pessoa é admirado lá fora porque, tendo sido educado em escolas inglesas na África do Sul, o seu português é mais fácil de traduzir do que o de outros poetas, como, por exemplo, Cesário Verde.

**No capítulo sobre Enzensberger reproduz quase proibição do seu anfitrião em o levar a uma casa de fados. A "afrota repulsiva" que era essa música passou e o fado é um símbolo na nossa atualidade. Essa renovação de valores foi positiva?**

O fado sempre teve – e tem – admiradores e detratores. O facto não me incomoda.

**Até que ponto O Olhar do Outro reflete o nosso próprio (des)entendimento de iden-**

**tidade nacional?**

O *Olhar do Outro* não tem por detrás uma tese. Apenas pretendi observar a diversidade de opiniões de quem viveu entre nós. Não me passou pela cabeça detetar a "identidade nacional", um tema propício a teses palermas.

**Que sentimentos teve ao ler estes relatos?**

Em certos momentos, fiquei irritada, noutros ri-me e noutros ainda comovi-me.

**Foi-lhe fácil encontrar estes relatos dos estrangeiros ou sente que estão postos de lado de forma propositada?**

Não, não foi fácil encontrar certos livros. Tive de os mandar vir, em *print on demand*, do estrangeiro, uma opção dispendiosa, pois implicava a digitalização de obras guardadas em diversas bibliotecas europeias e americanas.

**Todos os relatos são dos próprios ou existem textos em que desconfiou da autenticidade do autor impresso na capa?**

Nunca publicaria uma obra sem ter a certeza de quem o escrevera. Num ou noutro caso, contudo, pode tratar-se de pseudónimos.

**Para Gabriel García Márquez, "Lisboa era uma das cidades mais belas do mundo, 'mas até há um ano era também uma das mais tristes'". Esta descrição lembra-lhe de algum modo o período que a cidade, e o país, está a viver devido ao coronavírus?**

Não, o "olhar" dos meus compatriotas sobre o coronavírus é muito diferente do que os estrangeiros tiveram quando chegaram a Portugal: o único paralelismo possível é com o que se passou durante o terramoto de 1755. Mas felizmente que já ninguém discute se a atual pandemia tem uma causa natural ou se é um castigo de Deus.

**Conhecia a autora de um dos relatos, Sybill Bedford, de uma investigação anterior, *Visitas ao Poder*. Nesse seu livro, que acaba de ser reeditado, na nova introdução o tema "estrangeiros" também fica registado, agora pela sua apetência imobiliária. De 1993 para agora, o *Olhar do Outro* nunca mais foi o mesmo?**

A introdução dos vistos *gold* há oito anos mudou a forma como os estrangeiros passaram a vir até Portugal. Não foi a vontade de conhecer um povo diferente, mas a ganância ou, noutra perspetiva, a de obterem lucros elevados. Além disso, há os que vieram, como turistas, por causa do sol, do baixo preço dos aviões e do nível de vida barato. Estes nada veem a não ser através dos telemóveis com a câmara que sempre os acompanha. Os atuais visitantes estrangeiros são distintos – e menos interessantes – dos que aqui chegaram nos séculos passados.

**Nessa quarta introdução dedica várias páginas à saga do ex-primeiro-ministro José Sócrates e ao banqueiro Ricardo Espírito Santo. Era-lhe impossível não atualizar estas Visitas ao Poder com o tema da corrupção?**

Tinha de o fazer. Porque desde a data da primeira edição desta obra, em 1993, a ligação entre o poder político e económico assumiu contornos desconhecidos. O “caso Marquês” é ilustrativo de tudo quanto há de pior na nossa sociedade e política. Nunca confiei em Sócrates. Note-se contudo que ele não é o único mau da fita. Talvez seja o mais patético, mas custou-me mais ver o semblante que certos banqueiros adotaram nas comissões parlamentares de inquérito.

**A desigualdade social em Portugal atravessa todos os capítulos. Nestas quase três décadas mudou algo nesse ponto?**

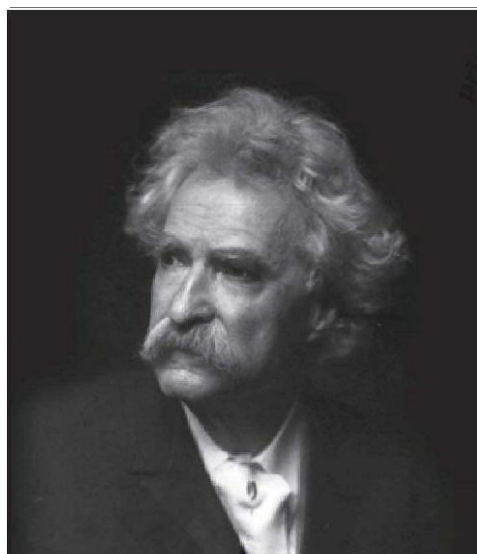
Desde a minha adolescência que o facto que mais me chocou foi a desigualdade social existente no meu país. Sei contudo que hoje o povo vive melhor do que em 1974: basta pensar no Serviço Nacional de Saúde. Além disso, a pobreza absoluta diminuiu, o que não quer dizer que a distância entre ricos e pobres o tenha feito.

**Em Visitas ao Poder, começa por comparar um tribunal londrino com o da Boa-Hora. Na altura, ficou chocada com as diferenças na justiça dos dois países?**

Quando, num gesto instintivo, decidi espreitar o que se passava num dos tribunais instalados em Old Bailey, em Londres, nada sabia do que neste domínio se passava em Portugal. Como, por natureza, sou curiosa, mal cheguei a Portugal decidi passar algumas semanas no tribunal da Boa-Hora. As diferenças entre os dois sistemas tornaram-se óbvias. Hoje, a minha apreciação da justiça é infinitamente mais pessimista do que o era em 1993. Depois do que se passou no Tribunal da Relação de Lisboa, não sei como os portugueses poderão jamais voltar a ter – admitindo que a tinham – confiança nos juizes portugueses.

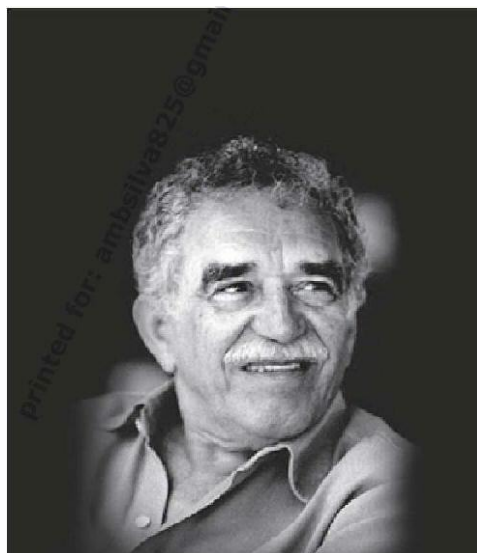
**No capítulo sobre o Parlamento, afirma que existe um “vazio no debate parlamentar”. A situação continua a mesma ou o nível do parlamento melhorou?**

Penso que o atual nível do debate parlamentar piorou. Já ninguém liga ao que aqueles senhores, escolhidos, não pelos eleitores, mas pelos partidos, declaram.



### MARK TWAIN

“Uma vez em terra [nos Açores], deparou-se com homens e mulheres que lhe pareceram mendigos ‘por instinto, educação e mister’. Concluiu: ‘Esta comunidade é fundamentalmente composta por portugueses, quer dizer, é vagarosa, pobre, parada, adormecida e preguiçosa.’ Dizia-se escandalizado por, na ilha, se desconhecer qualquer inovação mecânica suscetível de ser aplicada à agricultura.”



### GARCÍA MÁRQUEZ

“Toda a gente fala e ninguém dorme. Às 04.00 de uma quinta-feira qualquer [em 1975] não encontrei um táxi desocupado. A maioria das pessoas trabalha sem horários e sem pausas, apesar de os portugueses terem os salários mais baixos da Europa. Marcam-se reuniões para altas horas da noite, os escritórios ficam de luzes acesas até de madrugada.” Comenta: «Se alguma coisa vai dar cabo desta revolução é a conta da luz.”

A retórica parlamentar chegou ao grau zero. Dantes, ainda havia, numa ou noutra bancada, alguns indivíduos cultos e independentes. Hoje, é o deserto.

**No capítulo sobre "Os Autarcas" refere que, "protegida pela pobreza, Lisboa manteve até tarde a harmonia do seu centro". A renovação devido à recente pressão imobiliária não a melhorou?**

Nalguns casos, agrada-me – veja-se a beleza da Ribeira das Naus –, noutros desagrada-me – olhe-se o *bunker* construído na Rua de S. Bernardo, 22, na Lapa, obra dos famosos arquitetos Aires Mateus.

**No capítulo "O Chefe" considera que, "no melhor estilo leninista, Cavaco Silva pretendia proceder a uma purga generalizada dos barões regionais, que deveriam ser substituídos pela clique zelosa que agora o rodeava". As lideranças partidárias evoluíram?**

Penso que não, embora conheça mal o interior dos partidos. Se alguma coisa, suspeito que a obediência ao chefe é um requisito maior do que em 1993.

**Em "A Igreja" faz a seguinte afirmação: "A Igreja Católica deixou de ser atrativa." Será o Papa Francisco capaz de alterar a crise da Igreja?**

A Igreja Católica é, pela sua natureza, uma estrutura hierárquica, o que se não coaduna com a evolução das sociedades modernas. Nos últimos anos, além disso, a descoberta

de que muitos bispos tinham escondido as práticas pedófilas de padres das suas dioceses – e a dimensão do fenómeno – contribuiu para a tornar ainda mais distante dos seus fiéis. Por muito que o Papa Francisco queira limpar ou renovar a Igreja, a sua margem de ação é limitada.

**Na introdução à primeira edição afirma que, "no contrato que estabelecemos com o Estado, somos nós, cidadãos, quem geralmente perde". Mantém essa opinião?**

Mantenho. Pago todos os impostos devidos – e não são poucos – e o Estado continua a tratar-me, a mim e aos meus concidadãos, com desprezo.

**Refere que não tem a "certeza de que em Belém haja poder". Nem este atual Presidente, Marcelo Rebelo de Sousa, o adquiriu entretanto?**

Marcelo Rebelo de Sousa tem sabido aproveitar a margem de poder que a Constituição lhe confere. Além disso, é popular, o que, tendo em conta que o seu antecessor foi Cavaco Silva, não me admira.

**Se lhe dessem a escolher poder entrevistar qualquer pessoa no mundo, qual escolheria? Trump, Boris Johnson, Putin...**

Boris Johnson, a fim de tentar perceber o que aconteceu ao jovem que admirava quando o via no programa televisivo *Have I Got News for You*.